

CONSELHO EDITORIAL

Leonardo Boff — Brasil
Sergio Torres — Chile
Gustavo Gutiérrez — Peru
José Comblin — Brasil
Ronaldo Muñoz — Chile
Enrique Dussel — México
José Oscar Beozzo — Brasil
Pedro Trigo — Venezuela
Ivone Gebara — Brasil
Jon Sobrino — El Salvador
Virgil Elizondo — EUA
Juan Luis Segundo — Uruguai

Consultor para Assuntos Ecumênicos
Júlio de Santa Ana — Brasil

LEONARDO BOFF

Tomo V

A TRINDADE E A SOCIEDADE

Série II: O DEUS QUE LIBERTA SEU POVO

4ª Edição

Julio de Santa Ana
29-06-99
29-06-99



VOZES

Petrópolis
1996

2. EXPERIÊNCIA DESINTEGRADA DAS TRÊS PESSOAS DIVINAS

A desagregação da sociedade latino-americana atingiu a experiência de fé; não criou as condições favoráveis para uma expressão integrada do mistério trinitário.³

Na sociedade colonial e agrária, ainda hoje muito vigente na América Latina e em outras partes do mundo rico, a figura do pai é central e um dos eixos organizadores da sociedade e da cultura. O pai detém o saber, o poder e as principais decisões. Todos dependem dele; os demais são considerados menores e submissos. O paternalismo domina nas relações familiares e públicas. Pelo paternalismo as pessoas são feitas objeto da ajuda, nunca sujeito de uma ação autônoma. A ajuda mantém a dependência e impede o desenvolvimento da liberdade pessoal e social.

Este tipo de sociedade patriarcal e patrimonialista (em política) projeta uma *imagem* de Deus que lhe é adequada, pois lhe reforça a existência e legitima as práticas. Deus é representado como Pai todo-poderoso, onisciente, Juiz supremo e Senhor absoluto da vida e da morte. Ao lado dele não há, propriamente, lugar para um Filho e para o Espírito Santo com os quais estaria em comunhão. O próprio Jesus é denominado de “meu Pai” ou de “el Padre del gran poder” de tantas igrejas barrocas da Espanha e da América Latina. O ser humano se sente mais servo do que filho, servo submisso que se conforma à vontade soberana do Pai que está no céu. É o domínio da religião só do Pai. A relação preponderante é aquela vertical.

Em setores mais democráticos e modernos onde predominam relações horizontais surge a figura do *líder* e do *militante*, no interior de partidos ou movimentos sociais. O desempenho pessoal é altamente valorizado e as figuras carismáticas assumem especial papel de condução e inspiração. Na sua expressão mais extrema aparecem os “caudilhos” e “condottieri” que fascinam as massas e podem até apresen-

3. Cf. D. Barbé, A Trindade e a Política, em *A graça e o poder*, São Paulo 1983, 76-84.

tar-se como “o grande Irmão”, “o companheiro” e “guia e timoneiro do povo”. O fascismo eclodiu no seio deste tipo de experiência.

Em tal contexto e num ambiente pouco crítico se projeta outra imagem de Deus, desta vez identificada com a figura de Cristo. Em não poucos ambientes cristãos, particularmente dos modernos movimentos, Jesus é, efetivamente, proclamado como o “Irmão”, o “nosso Chefe e Mestre”. Elabora-se uma piedade fortemente emocional, juvenil, entusiástica da figura do líder Jesus de Nazaré. Seguir a Cristo nesta visão implica assumir suas atitudes heróicas e humanitárias, geralmente desvinculadas do conflito humano e de uma relação profunda com o Transcendente (o Pai) donde provém a força do compromisso de Jesus para com o Reino e para com os mais humilhados da terra. É a religião só do Filho. A relação dominante é aquela horizontal.

Há por fim vastos setores sociais, seja das classes abastadas seja das pobres e marginalizadas, nos quais se exacerba a dimensão de subjetividade e criatividade pessoal. Tal fato ocorre particularmente na experiência religiosa dos *grupos carismáticos*. Pessoas dos setores médios e altos, vivendo dos benefícios do sistema individualista que os privilegia, tendem a encontrar no movimento carismático cristão, de cunho interiorista, satisfação de suas necessidades religiosas de busca de paz, de superação dos conflitos, do sentimento de solidão. Aqueles dos estratos pobres e oprimidos para os quais é negada qualquer participação social descobrem no carismatismo das seitas e dos movimentos de reanimação religiosa, conduto de expressão ao seu anseio por liberdade, respeito e reconhecimento. Surge então a esfuziante gama de experiências religiosas, de seitas e movimentos nos quais a dimensão da subjetividade humana e de sua individualidade ganham espaço de expressão. São freqüentes os testemunhos: “Deus me iluminou... Deus me inspirou esta palavra de sabedoria... o Espírito me impulsionou a tal ação...” A forma extrema desta interiorização e deste carismatismo se encontra no fanatismo e na anarquia. É a religião só do Espírito. A relação predominante é aquela interior.

Estas três expressões religiosas mostram a desarticulação social e, à sua deriva, a desarticulação da experiência do Deus cristão como Trindade. A verticalidade (o Pai), a horizontalidade (o Filho) e a profundidade (o Espírito Santo) não convivem na experiência, mas se encontram justapostas. Daí poderem surgir expressões patológicas de um princípio em si são e verdadeiro.

Um cristianismo centrado demasiadamente no Pai sem a comunhão com o Filho e a interiorização do Espírito Santo pode dar origem a uma imagem opressora de Deus, mistério aterrador, cujos desígnios parecem imprevisíveis e absolutamente abscônditos. Um cristianismo fixado no Filho sem a referência ao Pai e sem a união com o Espírito Santo pode ocasionar a auto-suficiência e o autoritarismo dos líderes e dos pastores. Um cristianismo, finalmente, assentado excessivamente no Espírito Santo sem ligação com o Filho e sua última referência ao Pai favorece o anarquismo e a anomia.

Uma sociedade não pode organizar-se a partir da opressão da norma (só a imagem do Pai), nem pela dominação dos líderes (só a figura do Filho) nem pela anarquia e a insensatez dos espíritos criativos (só a figura do Espírito Santo). Ninguém (nem a pessoa nem a sociedade) subsiste sem uma referência para cima e sem a memória de sua origem (o Pai); da mesma forma ninguém (pessoal e socialmente) vive sem alimentar relações para os lados e sem cultivar a fraternidade (o Filho); finalmente, não há pessoa nem sociedade que possam se estruturar sem respeitar a dimensão pessoal e sem animar a interioridade humana (o Espírito Santo), onde se elabora a criatividade e se projetam as utopias transformadoras da história.

A pessoa precisa preservar-se sempre como um nó de relações e a sociedade como um conjunto de relações de participação e de comunhão. Só assim se evitam as patologias. A desintegração da experiência trinitária se deve à perda da memória da perspectiva principal e essencial do mistério do Deus trino que é a *comunhão* entre as divinas Pessoas. O para cima, o para os lados e o para o fundo devem coexistir e assim nos abrir o caminho certo para a reta representação

do Deus cristão. Em outras palavras o Pai está sempre no Filho e no Espírito. O Filho se interioriza no Pai e no Espírito Santo. O Espírito Santo une Pai e Filho e se une totalmente com eles. Por fim, a Trindade toda insere a criação em si mesma. A comunhão é a primeira e a última palavra do mistério trinitário. Traduzindo socialmente esta verdade de fé podemos dizer como já se disse: “a Trindade é o nosso verdadeiro programa social”.

3. DIFICULDADES INERENTES À FÉ MONOTEÍSTA

A concepção da Trindade-comunhão encontra ingentes dificuldades para sua vivência devido à predominância da fé num único Deus e Senhor. O peso do monoteísmo, isto é, da afirmação da unicidade e unidade de Deus, é tão grande porque encontra razões de ordem histórico-social (a centralização própria do espírito moderno) e também de ordem religiosa (a organização das Igrejas a partir do princípio de autoridade) que continuamente o re-alimentam. Conviria aprofundarmos um pouco esta questão, pois nela se encontram fortes obstáculos ao processo de libertação a partir da fé.⁴

a) A herança judaica

Primeiramente, o cristianismo fez-se herdeiro da grande *tradição judaica* que foi também a de Jesus. A afirmação axial do Antigo Testamento e do judaísmo histórico reside na profissão de fé de que Javé é um só e o único Deus vivo e verdadeiro. Esta proclamação foi sempre selada com o sangue dos mártires. Como então sustentar uma tríade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) ao lado ou juntamente com esta unicidade divina? Sempre se manteve que Deus é absolutamente simples, não se divide nem se desdobra. Caso contrário, vigoraria a multiplicidade. E já nos encontraríamos, então, no politeísmo.

4. Cf. R. Panikkar, *The Trinity and the Religious Experience of Man*, Nova Iorque 1973, esp. 9-39; J. Moltmann, *Kritik des christlichen Monotheismus*, em *Trinität und Reich Gottes*, Munique 1980, 144-168; J. Daniélou, *Théologie du judéo-christianisme*, Paris 1958, 169-196; veja também a nota 7 logo abaixo.